CISION

Diário de Notícias

ID: 74557154

17-04-2018

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 24
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 3

ANTES DEPOIS

› Armazém Imagens divulgadas pelas empresas DigitalGlobe e Planet.com mostram o antes e o depois do sítio de armazenamento de armas químicas de Shinshar, na zona ocidental de Homs.

› Bunker Segundo o chefe de Estado-Maior conjunto dos EUA, Joseph Dunford, no *bunker* de Shinshar havia reservas de gás *sarin*. Local foi atacado por mísseis na ofensiva EUA--França-Reino Unido.

› Centro Outro dos ataques visou o centro de investigação científica de Barzeh, na zona norte de Damasco. Foram destruídos edifícios de betão, segundo as imagens de satélite agora divulgadas.

"Síria serve para legitimação interna de Trump e Macron"

Conflito. Ataque a instalações de armas químicas do regime de Assad não altera situação no terreno, mas serviu para dirigentes ocidentais enviarem mensagens no plano nacional

ABEL COELHO DE MORAIS

Questões de legitimação interna foram um dos motivos centrais que ditaram a intervenção de Estados Unidos, França e Reino Unido da passada semana na Síria, consideraram diferentes especialistas em questões internacionais ouvidos pelo DN sobre o ataque a instalações de armas químicas do regime de Bashar al-Assad. Àquelas questões há a somar razões humanitárias e interesses específicos no quadro do conflito que opõe há mais de sete anos o regime de Damasco a diferentes milícias, referiram os mesmos analistas.

Para Paulo de Almeida Sande, professor de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Católica, houve "três tomadas de posição que convergiram essencialmente por questões de política interna, talvez a única que tem uma dimensão geoestratégica implícita, embora seja difícil concluir isso, é a de Trump, devido ao seu carácter errático sobre a saída em breve dos EUA da Síria". O ataque de sábado "teve muito que ver, por razões distintas, com necessidades internas de cada um" dos líderes políticos envolvidos: os presidentes Donald Trump e Emmanuel Macron e a primeira-ministra Theresa May. Há "fragilidades em cada um deles, embora o caso de Trump seja algo diferente", não se verificando, pelo menos no mesmo grau, a "necessidade de afirmação interna que existe no Reino Unido e em França", respetivamente para May, por causa do *brexit*, e Macron, "alvo de contestação violenta" pelas reformas económicas e sociais que leva a cabo.

Opinião partilhada pelo coronel na reserva Nuno Pereira da Silva, especialista em política comum de segurança e defesa da União Europeia (UE), que defende que "Macron tem tido vários problemas internos" e "de legitimação interna, e este alinhamento com Trump é também uma tentativa de legitimação interna". Pressão semelhante, pensa, a que está sujeito presidente dos EUA, devido à atmosfera política vivida à sua volta. "Eles estão iguais. E a guerra na Síria serve para a sua legitimação interna." E também May enfrenta problema idêntico por causa do *brexit*, ao mesmo tempo que procura influenciar a política europeia de segurança, "que quer mais próxima" dos EUA e da NATO.

Interesses franceses

Ponto realçado por Pereira da Silva, na visão de Paris, é o de que "a França, desde o tempo de Napoleão, sempre teve interesses no Médio Oriente. Aquilo que são hoje a Síria e o Líbano foram entregues à França no final da I Guerra Mundial, que acabou por lhes dar as fronteiras atuais e contribuiu para o seu aparecimento" como Estados. A "França tem "interesse geopolítico" na região, que "não muda com o tempo", e "sente-se responsável pelo Líbano e pela Síria". Particularmente neste último, em que se parece "avançar para a sua balcanização", o que, defende o coronel, torna indispensável à França "fazer sentir a sua presença", além de afirmar o país no plano internacional e europeu. Para Pereira da Silva, há ainda um aspeto militar relevante para a França, que é o de terem sido usados pela primeira vez em teatro operacional novos mísseis navais de cruzeiro, MdCN, parecidos aos Tomahawk americanos.

Já para Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova, a ação da França terá sido motivada por um "misto de atuação moral" e, também, de o "Médio Oriente ser uma zona de interesse próprio e de relações estratégicas de que Paris não abdica e em que não se percebe hoje qual a capacidade de influência dos EUA nas dinâmicas regionais".

Há, todavia, um denominador comum dos dirigentes ocidentais em causa no conflito sírio: "Concluir

CISION

Diário de Notícias

ID: 74557154

17-04-2018

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 25
Cores: Cor
Área: 16,07 x 29,55 cm²
Corte: 2 de 3

a destruição do Estado Islâmico, a preocupação humanitária, proteger as populações e a ausência, nesta conjuntura, de querer terminar com o regime de Assad." De resto, e em particular o que parece a especial proximidade EUA-Trump, "esta é conjuntural", diz Almeida Sande.

Os "factos negam a concertação de um discurso, de uma estratégia", e dá como exemplo o desmentido americano às palavras de Macron de que teria sido o presidente francês a convencer Trump a permanecer na Síria. Estamos perante "uma convergência conjuntural", pensa Almeida Sande, e o desmentido "vem enfraquecer a posição" de Macron em França. Pires de Lima nota que o ataque "não altera a situação no terreno", mas dá "sinais de fora para dentro" nos casos de May e de Macron, a que se soma neste último uma "dimensão estratégica, isto é, sublinhar que os EUA têm uma dimensão ímpar, e não se deve cair no erro de esfriar a relação bilateral, como Berlim, ou estar numa zona de ninguém, como Londres". A ideia final é a de que a França está pronta a ser o grande aliado europeu dos EUA", indica Pires de Lima.

"Oposição natural"

Para Pereira da Silva, uma concertação estratégica franco-americana é improvável (Macron visita os EUA a partir de dia 23), até pela suspeita recorrente em Washington sobre o comportamento de Paris na NATO, que vem desde a época de Charles de Gaulle na presidência de França (1959-1969). Há "uma oposição natural, o que não impede que por vezes não possam agir em uníssono, quando há interesses estratégicos em comum", neste caso no Médio Oriente, onde, recorda, os franceses têm bases e zonas de influência.

A conjuntura europeia teve também influência na operação. "O eixo franco-alemão está enfraquecido" com a "relutância da Alemanha" face às reformas necessárias na zona euro, e isto também enfraquece Macron, que muito aposta nestas, defende Almeida Sande. Pires de Lima pensa que a relutância alemã na questão das reformas levou Macron a escolher as questões de defesa para transmitir uma importante mensagem ao conjunto da UE: "Somos o grande interlocutor dos EUA" na Europa, tendo presente o distanciamento da Alemanha e certa "indefinição" em Londres. E "isto conta num momento em que há tensão com a Rússia".

Entretanto na Síria, os inspetores da Organização para a Proibição de Armas Químicas continuam a não ter autorização para entrar em Douma, o alvo do ataque com armas químicas que originou a retaliação de sábado. "Ainda existem questões de segurança pendentes", foi referido às agências pelo diretor da organização, citando argumentos apresentados por sírios e russos.

"Moralmente inapto", diz Comey. Aliados de Trump contra-atacam

EUA Livro do ex-diretor do FBI é hoje lançado. Donald Trump classifica James Comey como "repugnante" e "mentiroso"

Donald Trump é moralmente inapto para ocupar o cargo de presidente dos Estados Unidos. Quem o diz é James Comey, ex-diretor do FBI demitido do cargo, no ano passado, pelo chefe do Estado americano. "Muita gente fala sobre isso. Não compro essa ideia de que ele é mentalmente incapaz e está no estádio inicial da demência. A forma como me ataca é de uma pessoa de inteligência normal que segue as conversas e sabe o que se passa. Não acho que seja inapto para presidente do ponto de vista médico. O que acho é que ele é moralmente inapto para ser presidente", disse James Comey numa entrevista que deu no domingo à ABC News e que antecede o lançamento, hoje, do seu livro *A Higher Loyalty: Truth, Lies and Leadership* ("A mais Elevada Lealdade: Verdade, Mentiras e Lealdade").

Na conversa com o jornalista George Stephanopoulos, o diretor do FBI no período entre setembro de 2013 a maio de 2017 elaborou: "Uma pessoa que fala e trata as mulheres como pedaços de carne, que mente constantemente sobre assuntos de pequena ou grande importância e que insiste que o povo americano acredita nele, essa pessoa não é apta para ser presidente dos Estados Unidos, falando numa base moral. E isto não é uma declaração política (...) o nosso presidente deveria mostrar respeito e aderir aos valores que estão no coração do nosso país, sendo o mais importante a verdade. Este presidente não é capaz. É moralmente inapto para presidente." Admitindo a hipótese de a Rússia ter informações comprometedoras sobre Donald Trump, Comey relata no livro que antes de o demitir o presidente dos EUA lhe "pediu lealdade a nível pessoal", adiantou a agência Reuters. "A minha lealdade era suposto ser para com o povo americano e a instituição [FBI]", afirmou na entrevista à ABC News.

James Comey foi diretor do FBI entre 2013 e 2017

"[James Comey] ficará para a história como o pior diretor do FBI até agora"

DONALD TRUMP
PRESIDENTE DOS EUA

"Não compro essa ideia de que ele é mentalmente incapaz e está no estádio inicial da demência. É moralmente inapto"

JAMES COMEY
EX-DIRETOR DO FBI

Reagindo à mesma e às primeiras notícias sobre o livro, Trump atacou Comey. Através do Twitter, chamou-lhe de "repugnante", de "mentiroso" e acusou-o "de ter cometido vários crimes", classificando-o ainda como "o pior diretor da história do FBI". Comey foi demitido no meio de uma investigação sobre a alegada interferência russa nas eleições americanas que deram a vitória a Trump em 2016. Ontem foram vários os aliados que falaram em defesa de Trump, especialmente mulheres. A conselheira Kellyanne Conway, que cunhou a expressão "factos alternativos", disse, à ABC News, que Comey é "alguém que apresenta uma versão revisionista da história". E a presidente do Comité Nacional Republicano, Ronna McDaniel, declarou à CNN que o ex-diretor do FBI "é alguém que só quer fazer dinheiro. Pegou nas suas conversas privadas com o presidente e quer convertê-las em dinheiro".

PATRÍCIA VIEGAS

CISION

Diário de Notícias

ID: 74557154

17-04-2018

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 5,15 x 3,15 cm²
Corte: 3 de 3

TERÇA-FEIRA | 17.4.18 | WWW.DN.PT

Ano 154.º
N.º 54 418
1,20 euros

Diretor Ferreira Fernandes **Diretora executiva** Catarina Carvalho
Diretor adjunto Paulo Tavares **Subdiretores** Joana Petiz
e Leonídio Paulo Ferreira **Diretor de arte** Pedro Fernandes

GABRIEL BOUYS/AFP, VIA REUTERS

MARCELO EM MADRID ELOGIA "MUY BUENOS" RESULTADOS EM PORTUGAL. "HASTA HOY..."

PÁG. 10

DESCENTRALIZAÇÃO

Governo e PSD criam grupo de trabalho para reorganizar serviços do Estado

PÁG. 6

CONDENAÇÃO

"Chapada de mão aberta" custa 630 euros a agente da PSP da Amadora

PÁG. 11

VLADIMIR NETTO

Autor do livro de *O Mecanismo*: "Lava-Jato não é obra dum homem só"

PÁGS. 26 E 27

ESPECIALISTAS

"Síria serve para legitimação interna de Trump e Macron"

PÁGS. 24 E 25

ENTREVISTA A OLA MELZIG

Chefe de produção da Eurovisão: "Até impressionou Justin Timberlake"

PÁG. 29

Há mais 29 mil estrangeiros a viver em Portugal

Entradas. É a maior subida em cinco anos. São sobretudo brasileiros e asiáticos que conseguiram autorização de residência junto do SEF para viver aqui, levando a imigração a crescer 19% no último ano. PÁGS. 2 E 3

SALÁRIOS EM DEZ ANOS, FUNÇÃO PÚBLICA PERDEU QUASE 12% DO PODER DE COMPRA

Última subida salarial foi em 2009. Sindicatos exigem aumentos acima da inflação ou saem à rua. PÁG. 14

DUETOS DE FESTA

Fernando Tordo com Jorge Palma e outros amigos em disco e concerto

PÁG. 31

PUB

euro milhões
€130 milhões
super jackpot
mínimo garantido
JOGOS SANTA CASA
+18 Proibido jogar a menores de 18 anos | Linha Direta Jogos 808 203 377 (das 8h às 24h)
App Store Android
Saiba mais em www.jogosantacasa.pt